

DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES: GEOGRAFIA E OUTRAS “ARTES”

Lidiane Bezerra Oliveira¹; Juliana de Sousa Silva²; Bruna Gabriela de Assis Silva³; Carlos Sait Pereira de Andrade⁴

Resumo

Este trabalho tem como objetivo estabelecer uma relação interdisciplinar entre a geografia e outras ciências, principalmente no campo literário. A ideia principal é conseguir visualizar a presença dos conceitos geográficos nos textos literários e perceber como está ocorrendo o processo interdisciplinar de forma a facilitar o entendimento desses conceitos. Neste artigo, a análise da relação interdisciplinar na geografia se faz a partir da discussão dos conceitos de geografia, principalmente no tocante ao Espaço, na perspectiva da paisagem, presentes na obra “O Aleph” de Jorge Luís Borges, “Os Sertões” de Euclides da Cunha e “Ensaio sobre paisagens” de Jean-Marc Besse.

Palavras chaves: Interdisciplinaridade. Ciência. Geografia.

1 Introdução

A interdisciplinaridade é a relação existente entre as ciências, quando elas dialogam para atingir um mesmo objetivo, contribuindo de forma recíproca entre elas. Este termo gera grandes debates, visto que se confunde com outros. Interdisciplinaridade não significa uma colcha de retalhos onde se costura diversos tipos de conhecimentos, forçando uma inter-relação. Em muitos momentos, ações consideradas interdisciplinares, não passam de justaposição de conceitos, que é na verdade multidisciplinaridade.

A Geografia, por ser uma “ciência de síntese”, deveria ter uma relação mais próxima com outras disciplinas, visto que seus conceitos permeiam por vários campos do saber. Porém, a ciência geográfica durante todo o processo de sistematização esteve bastante preocupada com a definição de um objeto de estudo e um método próprio, estando na maior parte desse processo isolada das outras ciências. O processo interdisciplinar na Geografia só veio a se fortalecer mais atualmente, acompanhando o progresso científico em geral, assim como o aprimoramento das técnicas, que sugere essa aproximação entre as ciências.

O presente trabalho tem como objetivo estabelecer uma relação interdisciplinar entre a Geografia e outras ciências, principalmente no campo literário. A ideia principal é conseguir visualizar a presença dos conceitos geográficos nos textos literários e perceber como está ocorrendo o processo interdisciplinar de forma a facilitar o entendimento desses conceitos. A relação

¹Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia pela Universidade Federal do Piauí - UFPI. Bolsista da FAPEPI/CAPE. E-mail: lidiane_oliver280@hotmail.com

²Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia pela Universidade Federal do Piauí - UFPI. E-mail: julianasousasfa@gmail.com

³Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia pela Universidade Federal do Piauí - UFPI. E-mail: bruna.gabriela.20@hotmail.com

⁴Docente do Programa de Pós-Graduação em Geografia pela Universidade Federal do Piauí - UFPI. E-mail: carlossait@yahoo.com.br

interdisciplinar dos conceitos de Geografia, principalmente no tocante ao Espaço, na perspectiva da paisagem, é feita com base nas obras “O Aleph” de Jorge Luís Borges, “Os Sertões” de Euclides da Cunha e “Ensaio sobre paisagens” de Jean-Marc Besse.

Contudo, as características dos conceitos geográficos presentes nos textos literários, estarão sendo discutidas com maiores detalhes nas seções que seguem no desenvolvimento do artigo. São levadas em consideração principalmente as ideias discutidas sobre a interdisciplinaridade de forma geral, baseado em Japiassu (1976). A relação entre Geografia e interdisciplinaridade está pautada em Milton Santos (2002). Todavia em alguns momentos há o diálogo com outros autores de forma a enriquecer a discussão proposta.

2 Metodologia

A metodologia utilizada neste estudo foi a pesquisa bibliográfica, pois ela oferece meios para fundamentar a discussão proposta no artigo. Ela nos permite também, analisar o tema sob um novo enfoque, produzindo novas conclusões sobre a relação entre a Geografia e a interdisciplinaridade.

A pesquisa se baseia nas seguintes obras: “Interdisciplinaridade e a patologia do saber” de Hilton Japiassu (1976), “Por uma nova geografia” de Milton Santos (2002), “O Aleph” de Jorge Luís Borges (1999), “Os sertões” de Euclides da Cunha (1982) e “Ver a Terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia” de Jean-Marc Besse (2006). A obra de Edward Soja Geografias pós-modernas (1993), foi utilizada como suporte na análise do texto literário de Borges.

Após o levantamento bibliográfico, foi realizada uma discussão sobre o tema proposto na aula do Mestrado em Geografia da Universidade Federal do Piauí. Tanto a pesquisa bibliográfica, quanto a discussão feita sobre o tema foram de suma importância para a produção do presente artigo.

3 Resultados e discussão: Interdisciplinaridade e nexos conceituais

3.1 Reflexões sobre a “Interdisciplinaridade e a patologia do saber” de Japiassu.

A crescente especialização das disciplinas científicas, a partir do século XIX, resulta na fragmentação do saber, tornado os diversos campos da ciência cada vez mais isolados. Nesse sentido, a interdisciplinaridade torna-se um importante mecanismo para que ocorra um diálogo entre essas disciplinas e para que não haja definitivamente o esfacelamento dos horizontes do saber.

Entende-se que interdisciplinaridade é uma contribuição que ocorre entre as disciplinas, quando tratam do mesmo conteúdo em vista de um mesmo objetivo. De acordo com Japiassu, a interdisciplinaridade é o “(...) nível em que a colaboração entre as diversas disciplinas ou entre os setores heterogêneos de uma mesma ciência conduz a interações propriamente ditas, isto é, a certa reciprocidade nos intercâmbios, de tal forma que, no final do processo interativo, cada disciplina saia enriquecida”. (1976, p. 75).

O conceito de interdisciplinaridade não pode ser confundido com outras terminologias semelhantes como multidisciplinaridade, pluridisciplinaridade, e transdisciplinaridade. Japiassu entende que multidisciplinaridade “(...) evoca uma simples justaposição, num trabalho determinado, dos recursos de várias disciplinas, sem implicar necessariamente em um trabalho de equipe coordenado”. (1976, p. 72). Já por pluridisciplinaridade o autor considera que é “a justaposição de diversas disciplinas situadas geralmente no mesmo nível hierárquico e agrupadas de modo a fazer aparecer as relações existentes entre elas.” (1976, p. 73). Percebe-se que em ambas as definições o termo justaposição aproxima as disciplinas, apenas sobrepondo-as, ou unindo-as sem uma finalidade em comum, assim como não existe contribuição resultante do processo de reflexão recíproco das ciências envolvidas.

Já a transdisciplinaridade é um termo que supera a definição de interdisciplinaridade, pois flexibiliza as fronteiras existentes entre as disciplinas, onde uma será o ponto central e as outras auxiliam de forma recíproca. Japiassu define transdisciplinaridade como sendo “(...) relações interdisciplinares em que as interações ocorrem sem fronteiras estabelecidas entre as disciplinas no interior de um sistema total.” (1976, p. 74). Na transdisciplinaridade não existe insubordinação, ou seja, as características compatíveis entre elas possibilitará a ultrapassagem das fronteiras existentes, permitindo que uma adentre no território da outra em uma contribuição recíproca.

3.2 A interdisciplinaridade na Geografia sob a ótica de Milton Santos.

A Geografia, desde o início do processo de sistematização como ciência, já era considerada uma “ciência de síntese”, pois nela abarcava uma grande quantidade de conhecimentos de vários saberes científicos que lhe proporcionaram a interpretação de diversos fenômenos ocorridos na Terra. Porém, a Geografia estava muito preocupada em se firmar como ciência e para isto, concentrou-se em definir objeto de estudo e método próprio, isto é, construir sua própria identidade. Todavia, todo esse processo a levou a uma condição de isolamento e distanciamento das outras ciências, ou seja, uma independência intelectual.

A ciência geográfica, mais do que outra ciência necessita de uma interdisciplinaridade, pois trata de realidades que sozinha não consegue chegar a uma explicação válida. A inter-relação entre os saberes é considerada um progresso para cada ciência em particular. Isto não significa penetrar em outros campos científicos para substituí-los, mas se utilizar de seus conhecimentos, para sua própria evolução conceitual. “A própria geografia pode contribuir para a evolução conceitual de outras disciplinas (...)” (SANTOS, 2002, p. 130) e colaborar com os seus conceitos, o que é válido para a geografia, pode ser válido para outras ciências.

Uma das primeiras tentativas de interdisciplinaridade na Geografia foi a implantação das geografias especiais, adotada por Jean Brunhes e Camille Vallaux, que não obteve sucesso, pois o conhecimento das disciplinas não contribuía de fato, ou era incorporado de forma inadequada.

Dessa forma, nota-se que nesta tentativa, a interdisciplinaridade é imposta e não consegue atingir o objetivo de integrar a Geografia com outras disciplinas. Outro fator desfavorável para a interdisciplinaridade na Geografia é a confusão que se faz entre multidisciplinaridade e interdisciplinaridade, cujos conceitos já foram diferenciados anteriormente. Para Santos (2002), multidisciplinaridade é apenas uma colaboração multilateral entre as disciplinas, que não garante a integração entre elas, já a interdisciplinaridade propõe uma imbricação entre as disciplinas, na busca de um mesmo objetivo de estudo. Para o autor, em Geografia ocorre muito mais multidisciplinaridade que interdisciplinaridade.

No processo de sistematização da Geografia como ciência, puderam ser observadas algumas etapas da aplicação da interdisciplinaridade. Na fase clássica, considerou-se a relação bilateral entre a Geografia e a História, como uma tímida tentativa de interdisciplinaridade, onde “a história relatava os acontecimentos que se sucedem no tempo; a geografia se ocuparia dos acontecimentos que se realizam simultaneamente no espaço” (SANTOS, 2002, p. 134). Contudo, concebeu-se uma relação de uma Geografia sem tempo e uma História sem espaço, tornando falida a ideia de interdisciplinaridade.

Na fase contemporânea, a Geografia estava mais preocupada em afirmar-se como ciência autônoma, provocando seu empobrecimento e o surgimento de disciplinas paralelas que passaram a disputar aspectos estudados pela geografia. Vidal de La Blache foi um dos principais responsáveis pelo isolamento da ciência geográfica nesse momento, pois afastou a ideia de incluí-la em uma classificação básica das ciências sociais proposta por Durkheim.

A fase atual é a que aproxima mais a Geografia do processo interdisciplinar, pois nesse momento há uma ampliação no domínio das Ciências Sociais, onde a interdisciplinaridade evolui juntamente com a ciência e o progresso econômico. O desafio da ciência nessa fase é minimizar o processo de especialização e aproximar mais as ciências de forma interdisciplinar, principalmente porque a tecnologia surge como ciência e contribui para explicar diversos fenômenos, unindo conhecimentos de diversas áreas.

A Geografia por se tratar de uma “ciência de síntese” deveria ter na interdisciplinaridade um recurso de enriquecimento dos seus conceitos, porém, a preocupação em firmar-se como ciência e a busca por um método próprio a fez isolada durante muito tempo. Entretanto, na atualidade a geografia ganha uma nova postura interdisciplinar, principalmente pelo desenvolvimento técnico e científico.

4 A geografia e os nexos conceituais com a literatura e outras artes no contexto da paisagem

4.1 “O Aleph” de Jorge Luís Borges

O Aleph é um conto literário, escrito pelo argentino Jorge Luís Borges que nos leva a leitura de uma paisagem pós-moderna, dessa forma mantendo uma extrema relação da geografia com a

literatura, caracterizando assim um trabalho interdisciplinar. Esta relação não se fez de forma intencional, e faz com que o leitor penetre na obra para que perceba as características do espaço geográfico nela presente. Para Soja, “(...) é uma leitura inquisitiva de uma paisagem decididamente pós-moderna, uma busca de ‘outros espaços’ reveladores e de textos geográficos ocultos” (1993, p. 8). Percebe-se que o imaginário do leitor deve estar bastante aguçado, para que se perceba e entenda o espaço geográfico no texto de Borges.

O espaço geográfico pode ser percebido na fala de Calos Argentino (um personagem) e do próprio Borges. O Aleph no olhar de Carlos Argentino, “é um dos pontos do espaço que contém todos os pontos (...). Ao abrir os olhos vi o Aleph. (...) o lugar onde estão, sem se confundirem, todos os lugares do orbe, visto de todos os ângulos”. (BORGES, 2001, p. 166). Percebe-se assim que o Aleph se trata de um espaço imensurável, quando Argentino diz que nele cabem todos os pontos.

Para Borges, o Aleph é “(...) o único lugar da terra onde se acham todos os lugares, um espaço ilimitado de simultaneidade e paradoxo, impossível de descrever numa linguagem menos do que extraordinária” (SOJA, 1993, p. 8). Neste espaço os acontecimentos simultâneos são impossíveis de serem descritos, pois a linguagem não é simultânea, mas sim sequencial.

A linguagem não é capaz de descrever o Aleph na forma como ele acontece, pois tudo ocorre ao mesmo tempo, no mesmo espaço. Soja (1993) diz que na geografia acontecem como descrito por Borges no Aleph, na realidade os fenômenos ocorrem simultâneos, mas o estudo é sequencial e linear, limitado por algumas restrições, a partir da impossibilidade de dois objetos estarem localizados no mesmo lugar ao mesmo tempo. O autor enfatiza ainda que o que se pode fazer é recompor e justapor de forma criativa o espaço em função do tempo.

Contudo, entende-se que o Aleph é um ponto do espaço, no qual se consegue total concentração, onde o indivíduo penetra na sua própria mente e encontra o espaço infinito de acontecimentos simultâneos. “O diâmetro do Aleph seria de dois ou três centímetros, mas o espaço cósmico estava aí, sem diminuição de tamanho. Cada coisa (...) era infinitas coisas, porque eu a via claramente de todos os pontos do universo.” (BORGES, 2001, p. 170). Considera-se assim, que o Aleph é o começo de tudo.

4.2 “Os Sertões” de Euclides da Cunha

Os Sertões é uma obra da literatura brasileira pertencente ao pré-modernismo, escrito por Euclides da Cunha, e tem como característica principal o regionalismo. A realidade do Nordeste brasileiro é retratada com fidelidade na obra, a qual descreve as condições precárias de vida da região e os motivos pelos quais ocorreu o drama da Guerra de Canudos.

O espaço na perspectiva da paisagem está presente na obra, de forma a compreender os principais elementos que a compõem e a partir deles, entender o modo de vida da população que ali

vive. No primeiro capítulo a geografia se faz presente, principalmente com as descrições feitas dos aspectos relacionados à geologia, geomorfologia, vegetação e clima da região. “Verdadeiros oásis, tem, contudo, não raro, um aspecto lúgubre: localizados em depressões, entre colinas nuas, envoltas pelos *mandacarus* despídos e tristes, como espectros de árvores; ou num colo de chapada, recortando-se com destaque no chão poento e pardo, graças à placa verde-negra das algas unicelulares que as revestem.” (CUNHA, 1982, p. 7).

A relação interdisciplinar que ocorre na produção desta obra demonstra o quanto as ciências estão integradas e como é possível entender aspectos geográficos da realidade a partir das artes, neste caso, da literatura. A passagem acima citada apresenta características da paisagem do Nordeste brasileiro. É possível perceber a interdisciplinaridade a partir da linguagem utilizada na descrição da paisagem, pois mescla a descrição real com metáforas, proporcionando uma leveza ao texto, que faz com que seja mais bem compreendido.

A obra de Euclides da Cunha possui um conteúdo constitutivo, onde as categorias natureza e paisagem estão articuladas ao romantismo. São enfatizados elementos como liberdade, individualidade e criatividade, contribuindo para a pesquisa científica na geografia. O autor nos permite em seu livro visualizar a realidade dos sertões nordestinos, a partir da criação de cenários que marcam a natureza, a paisagem e a sociedade, assim como refletir sobre a resistência do lugar. Apesar de esta obra ter sido escrita em 1901, possui ainda nos dias atuais a força interpretativa e narrativa da natureza na mais profunda relação sociedade x natureza.

4.3 Ensaio sobre a paisagem e a geografia de Jean-Marc Besse.

A Geografia como ciência necessita de um diálogo com outras ciências para que se possa formular e concretizar o seu conhecimento, mesmo que tenha um vestígio histórico de complexidade e dualidade entre ciências humanas e da natureza que percorreu desde a sua formulação do objeto de estudo. Por isso, iremos discorrer, a seguir, sobre alguns pontos que trazem a discussão da ciência geográfica por intermédio de um diálogo interdisciplinar com base na teoria de Besse (2006).

Dessa forma, a Geografia, segundo o autor supracitado, traçou um debate com a filosofia no momento no qual busca entender a paisagem que é considerada um dos conceitos-chaves dessa ciência, iniciando uma distinção e oposição entre ambas. Paisagem não é um elemento apenas da ciência geográfica, mas um elemento de várias ciências e o que difere é apenas o posicionamento do que se pretende retirar desse conceito. Neste contexto de dualidade a paisagem passa a ser objeto de debates e formulações.

Nesta perspectiva, surgem os primeiros discursos a respeito da relação estreita da Geografia contemporânea com a fenomenologia, corrente da ciência filosófica que permitiu a Geografia “abrir novos campos de pesquisa, suscitando o interesse pelas percepções, representações, atitudes diante

do espaço (BESSE, p.78, 2006)”. Contudo, notamos que esses discursos pretendiam levar outros métodos e recursos novos ao entendimento geográfico que até eram sem utilidade, logo essa inserção fez surgir novas formas como a tradição literária, filosófica, religiosas, ou ainda as artes plásticas e os debates teóricos.

A arte plástica estreitava relação com a paisagem por ser objeto de análise e descrição para o pintor e para o geógrafo. Para Besse (2006) o olhar do pintor e do cartógrafo não era separado, mesmo que eles não se confundam, eles partiam de uma mesma contemplação visual. Os dois eram observadores dos espaços e dos fenômenos do mundo terrestre, desenvolvem a arte da leitura visual. Eles se comunicam pelo seu objeto, refletindo-a de maneiras distintas. A paisagem segue distinções diferenciadas do ponto de vista dos geógrafos tradicionalistas e dos artistas plásticos

Dessa forma, o discurso delimitado até o momento, em relação à paisagem geográfica e artes plásticas, dará suporte para entrarmos em outro discurso que tem como objeto de debate a fenomenologia. Para isso buscaremos como base da nossa fundamentação teórica as concepções abordadas por dois pensadores que tratam da necessidade da existência do diálogo da geografia com as demais ciências para poder entender a complexidade de se discutir alguns fenômenos e conceitos geográficos. Por isso, iremos trabalhar com a paisagem na perspectiva de Erwin Straus e Eric Dardel.

A discussão de Straus busca a relação do discurso fenomenológico e a noção de paisagem, ou seja, trabalhar com auxílio de dois verbos que tem atribuições e significados distintos nessa abordagem. A geografia está do lado da percepção e a paisagem do lado do sentir. Tentou-se fazer com essa distinção a importância de uma renovação do pensamento geográfico.

Porém, Eric Dardel tem como base para o seu discurso a fenomenologia que tece críticas quanto à geografia como ciência dos espaços e dos meios, que tem como método a modelização. Atribuir como consequência a esse método o fato do saber geográfico está diretamente relacionado à expressão das aventuras de um olhar viajante, desde as grandes navegações, ou seja, esse método e a sombra de um conhecimento perpetuado e não renovado. Deixando, claro que o geógrafo não procura entender sua existência enquanto homem nas estruturas e nos movimentos de um espaço.

Portanto, a geografia como saber deve proporcionar à sociedade um conhecimento no sentido em que possamos mantêm relações com o mundo, através de relações de orientação. Por isso, a Geografia precisa do diálogo com diferentes campos de conhecimentos para poder abstrair de cada um aquilo que é pertinente às respostas que surgem nas indagações geográficas e que é tido como complexo. Isso, para alguns, é conhecido como processo interdisciplinar e para outros como diálogo entre ciências de conhecimento, mas o que nos interessa é a busca de saberes distintos que mantêm conexões.

5 Considerações Finais

O diálogo entre as disciplinas é a melhor forma de aproximação entre as diversas ciências, após o seu processo de fragmentação. Se neste diálogo as ciências conseguirem ultrapassar fronteiras e fundir os diversos conceitos de forma coerente e objetiva, teremos então o que se chama de interdisciplinaridade.

Apesar da Geografia em vários momentos do seu processo de formação como ciência não ter adotado esta atitude interdisciplinar, nota-se que no momento mais atual a interdisciplinaridade é essencial, principalmente porque a leva a buscar em outros campos da ciência base conceitual para seus estudos, assim como ser base conceitual para outras ciências.

No desenvolvimento deste trabalho, foi possível perceber o quanto a geografia está interligada com outras áreas de estudo, especificamente com textos literários, que nos levaram a analisar a relação entre literatura e os conceitos de geografia de forma mais detalhada. “O Aleph” e “Os Sertões”, embora de realidades diferentes, mostraram-nos que é possível identificar a geografia e seus conceitos no interior de outras ciências. E que os Ensaio sobre paisagem demonstram a importância da geografia para o enriquecimento de outras ciências.

Portanto, considera-se que é possível haver os diálogos interdisciplinares entre a geografia e outras ciências, principalmente com os textos literários que aqui denominamos de “outras artes”.

6 Referências

- BESSE, Jean-Marc. **Ver a Terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia**. São Paulo: Perspectivas, 2006.
- BORGES, Jorge Luís. **O Aleph**. São Paulo: Globo, 1999.
- CUNHA, E. da – **Os Sertões**. São Paulo, Abril Cultural, 1982.
- JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e a patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- SANTOS, Milton, **Por uma nova geografia**. São Paulo: Editora da USP, 2002.
- SOJA, Eduard W. **Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.